

QUINTA-FEIRA
Lisboa--11 de Fevereiro de 1932

5 TO. 005

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

299



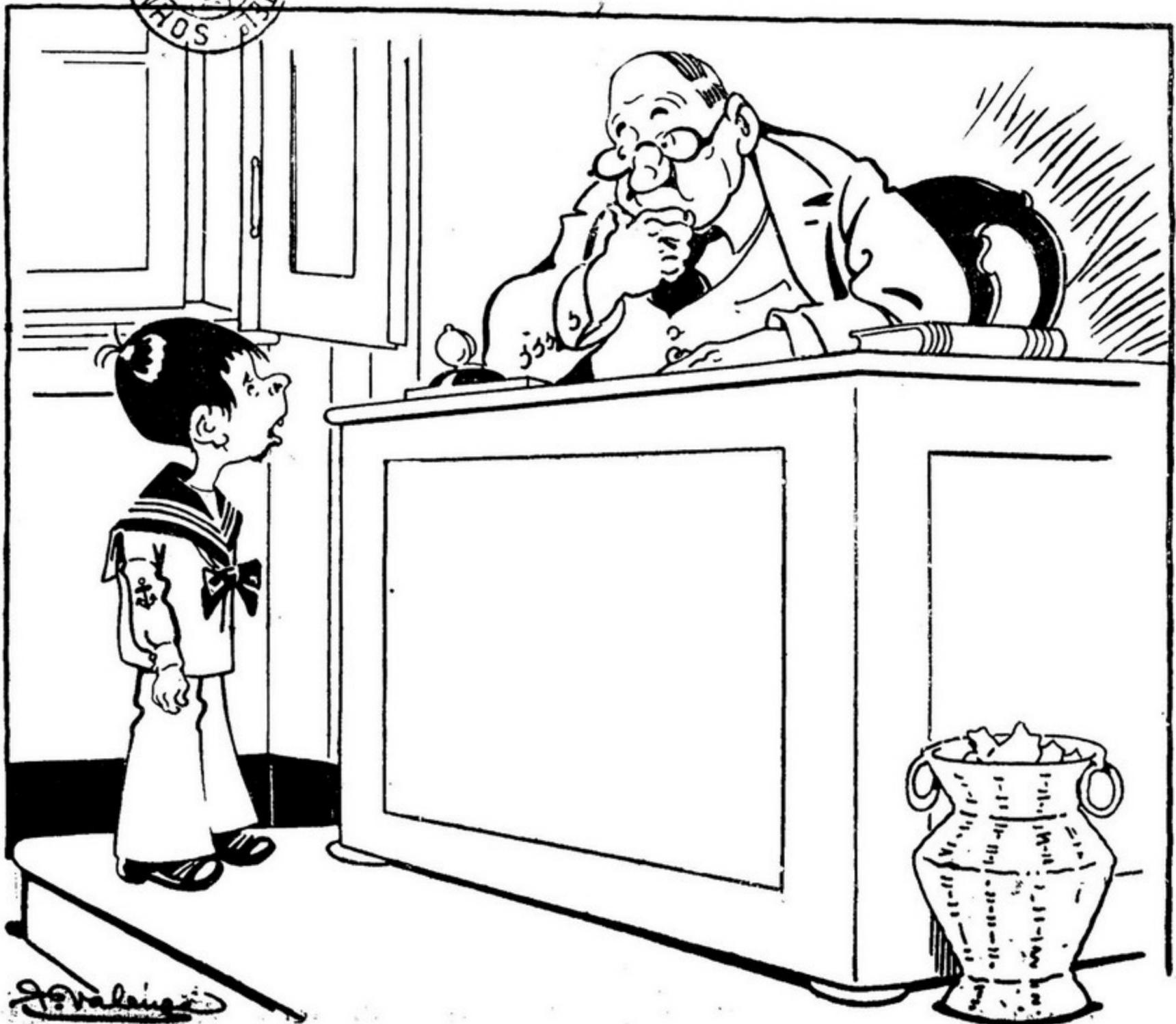
sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 49

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

A lingua de Voltaire voltada do avêssô



...
O professor — O quê?! Acha então que o clima de Portugal causa terror?! O menino, sendo branco, fala francês de preto. Pois vai apanhar um zero «merveilleux».



Os ditos da semana



Rescaído Encontramo-nos ontem com um conhecido nosso que vinha descendo o Chião muito sucumbido. Internela-mo-lo!

— Ficem, você vem triste.

— Derreado é que eu venho, respondeu ele.

— É verdade, restos do Carnaval. Então que fez você? Onde esteve?

— Na Avenida.

— Da Liberdade?

— Está claro. Como era da Liberdade puzeram-lhe uns arames para prender a gente lá dentro.

— E então, gozou muito?

— Muito!

— E que fez você? Andou no corso? Atirou serpentinas.

— Não, senhor, diverti-me como toda a gente. Olhe, eu puz-me no passeio de cá, a olhar para o lado de lá. Do lado de lá estava uma grande multidão a olhar para cá. Os nossos olhares cruzavam-se naquela Avenida, com tanta animação, de cá para lá e de lá para cá, que eu nem sei como os carros podiam subir e descer a Avenida, sem se embarracarem naquela fuzilaria de olhares, uns de cá para lá e outros de lá para cá.

— E contetti? E serpentinas? Não atirou?

— Atirei. Deviam ser para aí assim umas cinco e meia quando, dum automovel, atiraram o primeiro saquinho de chita cheio de pevides e pinhões. Agarrei nele e atirei-o de cá para lá. De lá atiraram-no para cá. Um sujeito que estava ao pé de mim atirou-o outra vez para lá. Às sete horas já o saquinho tinha passado cinquenta vezes por todas as mãos, de cá para lá, de lá para cá, de cá para lá, de lá para cá, tantas, tantas vezes que já não havia pevide que não tivesse apanhado a amarrotadela dum pinhão.

— E depois?

— Depois, o saquinho rompeu-se e as pevides e os pinhões andavam ali pelo chão, de cá para lá, de lá para cá, a jogar a Carnaval, sosinhos uns com os outros. Eles, coitados, já estavam acostumados. E como já era a hora dos parais chegarem a casa para dormir, atiravam-se a eles, abriam as pevides e punham-se a chilrear cá para baixo — Toma lá pinhões!...

— E Carnaval, e batalha de flores, inquiremos, com certa curiosidade?

— Era isto. A gente de cá, a olhar para lá e os outros de lá a olhar para cá.

— Mas para vêr o quê?

— Ora o quê? Os de cá para

verem os de lá. Os de lá para verem os de cá.

— E carros ornamentados não havia?

— Havia. Havia dois, mas isso era só para atrapalhar, para fingir que não se estava no Carnaval.

— Emlim, foi um verdadeiro carnaval de Nice.

— Nice? Não creia nisso.

Inventos alemães

Um relatório oficial alemão dá conta das inúmeras invenções registadas durante o último ano. Dentre elas, algumas se destacam pelo que encerram de pitoresco. Por exemplo:

«Guarda-chuva munido de lampada de corrente eléctrica, permitindo lêr-se, sob a chuva, em plena obscuridade.»

Não se compreende para que serve a lampada eléctrica

se o guarda-chuva se destina a lêr «sob a chuva, em plena obscuridade». Para isso já nós temos um guarda-chuva sem lampada.

«Vestuario com aquecimento permanente.»

Grande invento! Vestuario com aquecimento permanente é coisa que existe desde a mais remota antiguidade, principalmente quando é de boa lâ. Ha-o até com aquecimento central, quando a gente o tem vestido. A gente aquece o tato eo o fato aquece a gente. Que foi então que os alemães inventaram?

«Sistema para transformar os cabelos cortados em adubo agrícola de primeira ordem.»

Esta sim. Cabelos conhecemos nós alguns que nem precisam ser transformados. E' só colhe-los com cuidado para não largarem nem o cebo nem

a caspa e aplica-los ás batatas.

«Abat-jour frigorífico.»

Muito util para o verão. A luz vem gelada e substitue perfeitamente as ventoinhas, os leques e até os ares de mar.

«Mecanismo automatico para pôr manteiga no pão.»

Tambem não é novidade nenhuma. Dar manteiga é arte muito antiga e muito automatica. Ha até aparelhos daqueles que falam, andam, vão á repartição e estão sempre á espera de comer uma boa fatia. Se um alemão inventou aquilo, não fez mais do que plagiar certos sujeitos que nós conhecemos.

«Livros de orações com musica.»

Boa! Ainda os ha-de haver com agua benta, Telefone, boca de incendios, despertador e um capelão lá dentro.

«Castiçal, podendo tambem servir de guarda-chuva e flauta.»

Que um castiçal sirva de flauta compreende-se perfeitamente. Até já se tem ouvido dizer. Mas que desempenhe as funções de guarda-chuva é que nos parece de mais, embora ao aparelho tanto lhe faça que caiam pingos de cera como pingos de chuva. Naturalmente trata-se dum grande castiçal com grande abat-jour. Se chove, a gente coloca-se no sitio da vela e fica abrigado.

Que mais hão de inventar os alemães? Agora só se for uma maneira pratica de pagar as dividas de guerra. Mas issa manda mais pezo...

Dr. Fernando Tavares de Carvalho



Neste jovem «notario», não sabe a gente que mais admirar: se as suas notas «notariats», se as notas poeticas dalguns dos seus livros. Tante num campo como noutro, este notário dá a «nota» e merece uma boa nota...

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

FEIRA DE SEVILHA NO COLIZEU



«moço de casa de moveis».

Ester Leão não se mascarou; ficou *Na Sombra*.

Beatriz Costa. No entanto, appareceu com um vestido muito original, todo branco.

Linco Ferreira foi um dos primeiros premios pelo seu lindo costume de «pastor da Serra da Estrela».

Anuncia-se para breve um original do dr. Alfredo Cortés, *O Farla Brulos*. Para este papel está naturalmente indicado o Alves da Cunha.

O «Timpanas» appareceu nas ruas mascarado de Silvestre Alegirim.

Encantou toda a gente o vestido de «Padeirinha» que trazia a Corina Freire.

Quem não se mascarou foi a O HOMEM DE TODAS AS HORAS

Se os nossos artistas teatraes se pudessem mascarar — quais os papeis que escolhiam? A esta pergunta julga responder o «Sempre Fixe», apontando alguns nomes e permitindo-se rir, tanto mais que o Carnaval, embora pareça que sim, ainda não acabou.

Até para o ano!

O Erico, o nosso Erico Braga, devia, por exemplo, interpretar todo o repertorio do actor «Calvo».

Anibal Nazaré mascarou-se de «noivo»... para a *Lua de Mel*.

Esta mesma companhia poderia interpretar tambem com muita propriedade a comedia *Os Velhos*.

A companhia Hortense Luz, que anda em *tournee* por Africa, devia levar no seu repertorio a peça *Os Degredados*.

Nascimento Fernandes, o simpatico Nascimento, seria certamente o interprete ideal para *O As das Fitas*.

A companhia que, sob a direcção

de Armando de Vasconcelos, esteve trabalhando no teatro Avenida, devia interpretar *O Crime da 5.ª Avenida*.

O actor-empresario Alvaro Pereira mascarou-se de «Tirano» com um fato alugado.

A *Menina do Coro* seria uma peça formidavel para ser interpretada pela nossa Auzenda de Oliveira.

Vasco Sant'Ana, já que imita tão bem o Chaby, nunca mais devia dizer *O Melro*.

Alvaro de Almeida, para aproveitar a oportunidade, devia fazer *O Senhor Roubado* e Abilio Alves o *Sherlock*.

Joaquim Almada mascarou-se de «menino da Casa Pia».

O primeiro galã da Peninsula, Raul de Carvalho, andou pelas ruas do Porto mascarado de *Fadista*.

Samwell Diniz mascarou-se de

PELA CHINA



— Ao que nós chegamos! Ter que aguentar com obuzes de 6 polegadas!

Elevador da Gloria

Um andaluz, regressando á sua terra depois de alguns anos de ausencia, preguntava aos amigos pelos valentes do seu tempo:

— E Paco? El valiente Paco?
— Morreu.
— Morreu?! Quem o matou?
— Foi Deus.
— Só se foi á traição! Paco era tão valente que mesmo Deus não era capaz de o matar cara a cara.

Um antiquario estrangeiro visita o nosso pais e trava relações com um pobre fabiano que encontra num botequim.

— Quais são as moedas mais raras que ha em Portugal?
— São todas, senhor!
— Todas? Como assim?!
— Basta dizer-lhe que, vai para três mezes, não vejo uma de cinco.

É de antigas:
— Casou-se porque se apaixonou por ela á primeira vista!
— E onde a viu?
— Numa sessão de cinema!...

Numa conferencia:
O orador: — A minha voz ouvir-se-ha em todo o Portugal!
Um assistente: — Mais alto! Não se ouve!...

O medico: — O que sentiste quando caiste doente?
O miúdo: — Uma grande alegria em não ir ao collegio!

Na pensão, cinco anos depois:
O hospede que regressa: — Quando eu cá estive, havia uma criada que era muito bonita.
A mãe da tal: — Era eu!

Depois da fuga:
O director do manicomio: — Aparentaram os três loucos que fugiram?
Os guardas: — Mas eram três? Trouxemos tres!...

Entre amigos:
— Os medicos não se puzeram de accordo!
— O quê, sobre a doença de teu pai?
— Não, sobre o preço da conferencia. Uns queriam levar cinco contos, outros dez!...



— Miseravel! Quem te pôs nesse estado?

— Ora, que pergunta tão estúpida! Quem havia de ser?! O caricaturista...

“Manicures”



— Quer que lhe pula tambem a unha da palma da mão?

O tum... dela

A familia Tundela tinha tomado como erio de sala um estranho laponio, que conseqaia, á força de estupidez, irritar a mais santa creatura quanto mais a D. Aurora Tundela, que, apesar de ser uma bela senhora, tinha os nervos em muito mau estado; mas, como ele tinha sido recomendado ao sr. Tundela, marido da D. Aurora, por um amigo a quem muito deviam, D. Aurora aturava-o, fazendo das tripas coração.

Logo no primeiro dia que entrou de serviço, estava D. Aurora atacada com uma terrivel enxaqueca, descansando num pequenino mappie da sua saleta de trabalho, quando João—assim era o nome do nosso heroi—entreabriu vagarosamente a porta e ciciou:

— Vossa insolencia dá licença?
— Entre!— respondeu D. Aurora, aborrecida.

— Está lá em baixo um senhor que preguntou se o tum da senhora está cá...

— O quê? O que diz você?— interrogou, levantando-se irada, a D. Aurora.

— O tum da se...nho...ra...— gaguejou o laponio, bastante atrapalhado.

— Vá-se embora, homem, você é doido! Que tum? Este homem é maluco!

E D. Aurora dava largas á sua indignação.

— Oh minha rica senhora!— supplicava o João.— Vossa insolencia adoculpe-me, se calhar é o tum da cozinheira. Que ela é um senhor muito bem vestido, em préctura do senhor Tundela.

ALBAR.

O poder do anuncio

Mister John Brown tinha perdido um chapéu de chuva novo, em seda, num domingo, quando fóra ouvir missa.

Tinha perdido ou sido roubado. Mister Brown não o sabia bem.

Como bom inglês qm, era, tinha uma confiança absoluta na imprensa e na publicidade.

Correu por isso ao Daily Mail, onde pôs um anuncio prometendo uma gratificação ao individuo que lhe devolvesse o chapéu.

Ao fim de quatro dias, porque ninguem lhe fóra entregar o seu querido guarda-chuva, em seda e novinho, dirigiu-se á administração do jornal, a queixar-se da inutilidade da publicidade...

— Mas de que se queixa?— disseram-lhe.— Não tem de queixar-se senão de si...

— Ora essa, porquê?
— Porque o seu anuncio era uma coisa perfeitamente estúpida...

— Muito obrigado pelo elogio.
— Sim, senhor. Então o senhor promete uma recompensa ao ladrão?! Essa não lembra a ninguem. Mas quere um conselho?

— Faz favor...
— Ponha assim um anuncio: «Uma pessoa cujo nome se conhece foi vista no domingo na igreja tal, no momento em que se apoderava dum chapéu de chuva, de seda, estado novo, que não lhe pertencia. Se essa pessoa tem em apreço a sua reputação de catolico, pode entregar o chapéu na rua tal, numero tantos.»

Assim se fez.

No dia seguinte, o fôbado recebia em sua casa não um chapéu, mas doze, em seda, novinhos...

ALBAR.

Graça dos outros

Ela: — A'manhã faz 15 anos que nos casámos! Queres que mate alguma galinha?

Ele: — Mas que culpa tem o pobre galinaceo da asneira que fizemos?...

Na aula de historia:
O professor: — O que se passou em 1483?

O aluno: — Nasceu Lutero!
O professor: — Muito bem! E em 1487?

O aluno: — Fez Lutero quatro anos!...

Na repartição de finanças:
— Desejo pagar a contribuição!

— Optimo! E' o senhor o primeiro!

— O primeiro a pagar?

— Não, o primeiro a dizer que deseja pagar!...

Em casa do editor:
O poeta: — Não desejo remuneração pelo poema! Como é a minha primeira obra, ofereço-a para o senhor editar!

O editor: — Então, permita-me que lha devolva!...

Entre amigos:
— Temos um restaurant esplendido! Com comida caseira!
— Caseira?! Então não me convém!

Na parada:
— Soldado Antunes! O que faz quando encontra na rua um official?
— Escondo-me para que ele não veja que trago a barba por fazer!...

No camarim:
A costureira: — Aquele cavaheiro insiste em falar-lhe!
A actriz: — Mas não lhe disseste que eu tinha morrido?
A costureira: — Disse! Mas ele sómente quere conversa rdez minutos com o cadaver!...

O pintor, em frente do seu «marracho»: — Criei isto numa hora de febre!

O amador: — Muito bem... Mas eu preferia que o senhor só trabalhasse quando tivesse trinta e sete graus de temperatura!...



«Troupas». Uma das notas mais características da vida portuguesa...

LÓGICA



— Oh Maria, viste se o salcicheiro tinha chiapes?
 — Não vi minha senhora, porque estava detraz do balcão.

Conversa?

Certa tarde, durante a Grande Guerra, Lloyd George e Aristides Briand passaram defronte da estatua de Strasburgo, que se encontrava coberta de crepes.
 Lloyd George, parando, agarra amigavelmente na mão de Briand e diz com ar comovido:
 — Nem você, meu caro Briand, calcula a dor que sinto ao ver esta estatua.
 Aristides Briand, talvez comovido também, nada disse, mas apertou fortemente a mão do primeiro ministro inglês.
 — Mas, continuou Lloyd George, saiba também o meu querido amigo que igual dor, igual sentimento sentiria se porventura passasse numa praça de Berlim e visse cobertas de negro estatuas representando as provincias tomadas a força pelos franceses.
 — Oh! meu caro amigo, replicou Briand, aprenda um pouco a ser filosofo e saiba dominar os seus sentimentos, porque se ao atravessar Berlim você deparar com as estatuas das colonias alemãs tomadas pelos ingleses, você desatará a chorar como uma criança e isso, com franqueza, não deve ser em nada conveniente a um primeiro ministro.
 Como Briand não fala inglês... nem Lloyd George o francês, esta conversa não passa de «conversa»...

História verídica

Salcedo Calcinhas era um con-dicto apaixonado pelo remanso campesino.
 A verdura era todo o seu enlevo e a centralização constante dos seus mais intimos pensamentos, e assim, quando os afazeres quotidianos lho peemitiam, lá ia de abalada com D. Justina, sua cara metade, e dois interessantissimos rebentos, papar uma janturada em qualquer quintarola dos arredores.
 Um dia, varios amigos conhecedores das inclinações do Calcinhas, propuzeram-lhe a realização de um pic-nic, onde as respectivas familias se aborreceriam rando do proximo e comendo do alheio.
 Que sim! dissera Calcinhas entusiasmado. E imediatamente se combinaram os detalhes da frescata.
 No dia aprazado, Calcinhas, ao lado da opulenta D. Justina, seguia radiante, carregando com o farnel, disposto em dois volumosos e pesados embrulhos, que a sua engenhosa imaginação tornara mais comodos pela applicação de dois pausinhos que, metidos entre os cordéis, evitavam a tracção dolorosa destes nos dedos.
 Entre franca cordalidade, o alegre grupo demandava o bonancoso Eden, onde iria gosar as delicias de uma tarde de sol... e moscas.
 Mas, as boas ideias não ocorreram a todos; a certa altura, D. Justina reparou que uma das senhoras da comitiva fazia inauditos esforços para suportar o seu embrulho, pois que na sua imprevidencia lhe não ocorrera o tal meio simples e pratico de evitar os incomodos cordéis.
 Então, entre duas gargalhadas que qualquer incidente provocara, D. Justina volta-se para o marido, dizendo ternamente:
 — O' Salcedo, porque não dáes um dos teus pausinhos para mim?
 — Mas não são os pausinhos que fazem a cabeça, mas sim a cabeça que faz os pausinhos!

POLYCARPO.

Podia ser pior

O bom do Pangloss ficava a perder de vista, mesmo com binoculo de alcance, deante deste meu amigo, que os leitores não conhecem, nem é preciso, porque vê as coisas por um prisma muito patusco, que chega por vezes a irritar.
 Em face de qualquer acontecimento, por grave que seja, responde sempre com o costumado estribilho de «podia ser pior».
 Se aquele doutor (o Pangloss das nossas relações) entendia que tudo corria no melhor dos mundos, este, que era barbeiro e jogava a bisca lambida nas horas vagas, atraiu ás ventas com a frase sacramental supracitada, que é mesmo uma consolação.
 Quando terminou a Grande Guerra, essa terrivel hecatombe que jámais se apagará da nossa memoria, toda a gente lamentou o sucedido e as lamurias eram constantes por tudo quanto aconteceu. Pois este demonio que vos apresento a cada passo repetia aos circunstantes:
 — Vá lá, que podia ser pior!
 E justificava, com a sua filosofia de meia tijela:
 — Ora imaginem vocês que a guerra se desenrolava no nosso territorio, com a destruição de predios e as nossas casas invadidas pelas hostes alemãs. Não seria, desta feita, muito pior? Assim só perdemos algumas vidas. Quanto á divida...

Quando uma vez lhe contaram que, de regresso do Senhor da Serra, uma camioneta se voltara, perecendo todos os passageiros — que eram pessoas conhecidas e bemquistas lá na sua visinhança — escapando por milagre o *chauffeur*, ele não se perturbou absolutamente nada e exclamou com toda a tranquillidade:
 — Podia ser pior.
 — Pior? — redarguiram do lado.
 — Sim. Podia ter morrido também o *chauffeur*, o que seria desgraça maior.

Ha dias, quando o nosso homem sentado no Café «A Brasileira», a saborear uma chazada, entra esbafido um companheiro de esturdia, muito pallido e loiro, muito loiro e feio.
 — Homem! Alguma coisa se passou de extraordinario para te apresentares dessa maneira.

— Não calculas. Uma grande tragedia. Uma horrivel fatalidade. Conheces a D. Brites?
 — Perfeitamente. Dou-me muito bem com a familia.
 — Pois então escuta. Esta manhã, o marido teve uma saída falsa. Já andava desconfiado. Regressou de surpresa, sem ela esperar e foi encontrá-la nos braços dum amante.
 — Ah!
 — Depois... Prepara-te que vais assistir ao mais horrivel dos dramas. Alucinado, rapa da pistola e zás, matou a mulher. Em seguida, dá novamente ao gatilho e matou o amante. A criada, que acudira ao ouvir as detonações, zás, apañhou também uma ameixa e marchou desta para melhor. Por fim, absolutamente fóra de si, voltou a arma contra ele e... pum, foi mesmo um ar que lhe deu.
 — Que fatalidade! — respondeu o nosso barbeiro, que nas horas vagas jogava a bisca lambida. Não ha memoria duma coisa assim. Mas olha que ainda podia ser pior.
 — Pior do que isto? Tu estás doído. Lembra-te que não escapou ninguém. Foram todos para a Morgue.
 — Por isso mesmo. Calcula tu que a cena se passava ontem, ás quatro e meia da tarde!
 — O que acontecia?
 — Se a cena se passasse ontem, ás quatro e meia da tarde... quem morria era eu.

MAXIM.



— O' sr. guarda! Leva-a presa! Então não teve o descaramento de me «provocar»?!



— Vocês querem correr com os portugueses de Espanha? Lembrem-se que em Portugal ha 70 mil espanhóis!



— Vê o que é?
 — Sou artista!
 — Has de levar um bonito enterrão!...

Cacharolete

O arroz...

Aquela guerra da China já, com franqueza, amofina e nos mol a paciência. Combates, bombardeamentos, tréguas e choques sangrentos, e uma guerra em ininência.

Os nipônicos soldados, ardorosos, bem armados, juntaram-se aos marinheiros, e no rio Yang-Tsé vai um enorme banzé e há granadas aos chuveiros.

A província da Mandchuria foi ocupada com furia pelas tropas do Japão, que, após, vão ditar a lei à cidade de Chapel e à estrangeira concessão.

Em frente mesmo a Changai, em poucas semanas cai uma frota colossal: americanos, ingleses, franceses e japoneses jogam a esquadra naval.

De Wusung a fortaleza, a marinha japonesa grande resistencia opôs. E, apesar de mal armados, da China os pobres soldados tem-lhe dado o arroz...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Bonecos de barro

E' tipografo da Voz
E vive portas a dentro
Com a Beatriz dos queijos
—Raparigona de truz.
Uma doídice por ela:
— «Minha rica Beatriz,
Meu amor, meu al-Jesus!»

Já lhe partiu quatro dentes,
Duas costelas, um braço,
E amachucou-lhe o nariz;
E ha três semanas — o traste,
Por causa duns camarões,
Não a matou per um triz.

Agora, p'lo Carnaval,
Mascarou-se de lagarto
E andou na grande ramboia;
Houve até quem o topasse
Em Algés, sabado á noite,
Atracado a uma pinoia.

E vomitou o costume
Porque appareceu em casa
Com nodos a dar com um pau;
Derreado e olheirento,
Só pedia copos d'agua
E arrotava a bacalhau.

Agora são oito dias
A concertar a barriga
Das mist'as ingeridas:
— Por isso as vidas são breves,
E as caras da maieria
Tem borbullas cu frias.

Pistarim toca lá uma,
Pistarim toca lá duas
Sem fazer nenhura escarceu;
— Enquanto houver saúdinha,
Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu.

LUTZ ILARIO.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



— A si fica-lhe bem, talvez um retrato a meio corpo.

Viajar de borla

O José Constantino morava no Porto, e talvez por isso é que, a despeito do seu «bairrismo», gostava imenso de vir de vez em quando a Lisboa, gastar na bela pandega uns cobres que ia amealhando de mês para mês. Mas o José Constantino, que era uma pessoa relativamente economica, tinha sempre um estorvo aos seus desejos de vir á capital: o preço das passagens, que lhe levava a maior parte das suas economias, mesmo vindo em 3.ª classe.

— Ah, rapazes, se as passagens não fôsseem tão caras...

Era assim que ele rematava sempre a conversa, quando se falava dos prazeres de Lisboa, de alguma revista mais em voga no Parque Mayer, de qualquer companhia de cavalinhos em pleno exito no Coliseu, com mulheres de formosa plastica e muito *sex-appeal*, ou de qualquer outra coisa no mesmo genero. E tanto falava no custo das passagens, que o impediu de ter em Lisboa o mesmo numero de conquistas que tinha no Porto, que um seu amigo resolveu fazer-lhe um dia a partida, conseguindo que o José Constantino viesse a Lisboa de borla, — e no rapido!

Com esse fim, o amigo Antunes dirigiu-se á estação de S. Bento, ao gabinete do chefe, e perguntou: — Faz-me favor de me dizer quem é o bilheteiro que amanhã estará de serviço para o rapido de Lisboa...

— Sou eu mesmo! — respondeu um dos empregados presentes.

E Antunes, chamando o empregado de parte, explicou-lhe:

A'manhã deve aparecer na bilheteira um amigo meu, pedindo-lhe um bilhete para Lisboa. O custo deses bilhete tem-no o senhor aqui: o meu amigo nada terá a pagar, tanto mais que ele está convencido de que vai gratuitamente para Lisboa, em virtude dum sinal magico que eu lhe ensinei...

Antunes entregou a importancia do bilhete ao empregado, e acrescentou:

— O homem ha de pedir o bilhete pouco mais ou menos assim: «Faz favor dá-me um bilhete... fffff! para Lisboa». (Este fffff!, meio falado, meio assobiado, era dado passando com a mão espalmada, horizontalmente, pelos labios, como se se tratasse duma galta dos amoladores). E quando ele lhe pedir o bilhete assim, o senhor entrega-lhe sem hesitar...

E assim foi feito. No dia seguinte, á hora do rapido, o José Constantino foi á bilheteira e, depois de se encher de coragem, não fôsse o Antunes tê-lo enganado, dirigiu-se ao bilheteiro:

— Faz favor dá-me um bilhete fffff! para Lisboa...

O bilheteiro não hesitou. Perante o pasmo ainda mal contido do José Constantino, entregou-lhe o bilhete. Passado aquele instante de surpresa, José Constantino não cabia em si (nada) de satisfação: o Antunes não o tinha pois enganado. Pedindo o bilhete com aquele fffff! particular, era possível viajar de graça nas linhas da C. P.

A descoberta duma receita para

fazer ouro não terla dado ao José Constantino uma satisfação maior.

Em Lisboa, o nosso heroi viu o que tinha a vêr, divertiu-se o que tinha a divertir-se, gosou o que tinha a gosa. Em três dias e três noites, o Parque Mayer tinha-lhe absorvido os seiscentos escudos com que ele viera munido. Satisfeito consigo proprio, feliz e radiante, José Constantino, esgotadas as suas reservas, só tinha um caminho: — voltar para o Porto.

Não tinha dinheiro para o bilhete, é verdade; mas tinha a receita magica que o fazia viajar de graça, e não precisava de mais nada. E, com uma tranquillidade perfeita, dirigiu-se ao bilheteiro da estação:

— Faz favor dá-me um bilhete... fffff! para o Porto.

— O quê?! — perguntou o bilheteiro, sem perceber nada daquele fffff!

— Um bilhete... fffff! para o Porto!

— O senhor está maluco? Não tenho cá bilhetes dessa qualidade.

— Já lhe disse: dá-me um bilhete fffff! para o Porto!

— deu-lhe o bilheteiro já com a pa-

— Sabe o que mais? — respondeu a sciencia esgotada — não tenho tempo para aturar malucos; e sala da bicha, que tenho mais pessoas a despachar.

José Constantino, naquele momento, sentiu-se derrotado. Tê-lo-ia o Antunes enganado? Não, porque ele veio de graça do Porto para Lisboa... Como era então que o sinal valia do Porto para Lisboa e não valia de Lisboa para o Porto? E no meio da maior perplexidade, seguiu o unico caminho que tinha a seguir: foi empenhar a corrente e o relógio, comprou o bilhete e voltou para o Porto.

Chegado á Invicta, o primeiro cuidado do José Constantino foi procurar o Antunes para o insultar:

— Seu malandro! Então você faz-me uma partida destas?! Isto não se faz a um amigo! Enganar-me assim, fazendo-me passar por maluco em Lisboa!

Antunes deixou-o desabafar á vontade, e só depois, quando o viu mais calmo, lhe perguntou com o ar mais ingenuo deste mundo:

— Mas então tu pagaste alguma coisa daqui para Lisboa?

— Não! — respondeu José Constantino, já mais manso.

— Então não percebo a tua revolta!

— Não paguei daqui para Lisboa, mas tive de pagar de Lisboa para cá!

— Essa agora! — voltou o Antunes, com um ar pasmado. — Olha lá, como foi que tu pediste o bilhete em Lisboa?

— Como pedi no Porto: um bilhete... fffff! para o Porto...

E como José Constantino acompanhava a frase com o respectivo gesto, o Antunes deu-lhe a explicação do caso:

— Ora si estás! Tu fizes fffff! para a esquadra, quando devias ter feito para a direita! E foi por isso que eles não perceberam o que tu querias...

MYSELF,

Versalhada

Cinzas...

Do Carnaval, o que resta?
O desfolhar dum desejo...
A saudade duma festa,
A recordação dum beijo...

Do Carnaval, que ficou?
Ecos duma maluquice...
Dum tango que se dançou,
Dum gracejo que se disse...

Quatro noites que passaram
Em parodias atrevidas...
As noites que são mais ganhas
São sempre as noites perdidas...

Carnaval! Diz-se primeiro
Num tom alto, marcial...
E no dia derradeiro,
Mais baixinho: Car...na...val...

Depois, Cinzas... Num gemido
Está a festa terminada.
Els, pois, tudo reduzido
A pó, terra, Cinzas, nada!

PATO MARRECO.

Cantigas á desgarrada

Um moribundo

Saudades, tenho saudades
Do tempo em que não sabia
Que esta palavra — doutor —
Infelizmente existia.

Um amator de «foot-ball»

Quem me dera ser a era,
P'la parede emaranhada,
Para vêr um desafio
Sem ter que pagar entrada.

Os mentiros do Chiado

Se aquilo que a gente sente
Nos bolsos, tivesse voz,
Que grande côro de tésos
Formavamos todos nós!

Um «Amélia»

Quem tiver filhos no mundo
Não ria dos desgraçados,
Que os vossos filhos também
Podem ser emaranhados.

Um genro

Era já noite cerrada
Quando eu te vi, doce bem...
Só assim se justifica
Que não visse tua mãe.

Um empregado publico

Quem canta seu mal espanta...
Mentira, que disparete!
— Eu canto e não afugento
A conta do alfaiate.

Um ingenuo

Preguntel a um faulista
Se tinha religião;
Apontou-me uma navalha
E deu-me um traço na mão.

Uma cinefila

Tenho o destino encravado
Desde que em ti puz a vista,
Fiquei com tudo empenhado
P'ra te pagar a modista.

A. ESSE (filho).



— Se eu estivesse em Changai, ha muito que os japoneses podiam livremente tomar chá em Chá-pai...

AO ACASO

Coisas

Num bairro popuiar, e em pleno dia, em Paris, uma mulher vulgar, vulgaríssima, encontra-se com um operario e, a certa altura, vão os dois para traz dum tapume.

Num momento patetico, grita a mulhersinha:

— Anda! Tira o teu chapéu!

Alguns minutos depois, pergunta o operario:

— Olha lá: mas porque carga de agua querias tu obrigar-me a tirar o chapéu num momento como aquele?

— E' que passava um enterro! — respondeu ela.

Historia Inglesa

Jack: — Bom dia, Jim. Como vai você?

Jim: — Bem. Obrigado. Diga-me uma coisa: o que costuma dar você ao seu cavalo quando ele tem colicas?

— Cimento... Então?!

15 dias depois:

Jack: — Boa tarde, Jim. Como vai o seu cavalo?

Jim: — Ah! Mandei-o enterrar. E o seu?

Jack: — Ah! O meu tambem morreu!

Um como muitos

Um sevilhano tinha a mania de exagerar tudo que contava ter visto. Um dos seus amigos, tendo prometido a si proprio, e de acordo com ele, corrigi-lo de tão grande defeito, advertiu-o de que, sempre que ele começasse a exagerar, lhe diria: «Cuidado». Então, ante isto, que representava a conveniencia de não continuar com o exagero, o sevilhano daria outro rumo mais honesto á conversa.

Certa vez, o andaluz contava a um grupo de amigos recentes:

— A agua do lago de Tanganyka é tão clara que, deixando-se cair uma moeda de um duro...

— Cuidado! — disse o outro.

— ... não se vê no fundo mais do que cincoenta centimos — rematou ele.

Uma de Giolitti

Conta-se que, um dia, Giolitti, o discutido politico italiano, passou, incognito, por uma aldeia.

Tendo necessidade absoluta de barbear-se, dirigiu-se ao amigo figaro da terra.

A barbearia era uma coisa singular: não havia espelho, e apenas um pincel, um recipiente para agua e... um divan onde o barbeiro mandou colocar Giolitti.

Foi trabalho longo e laborioso porque a navalha dava a impressão dum pedaço de lixa n.º 2 passando sobre o rosto.

Assim que a operação terminou, Giolitti, intrigadissimo com o divan, pediu explicações sobre o caso ao barbeiro:

— Mas porque me faz você a barba deitado?

— Porque — respondeu o figaro — aqui na terra os vivos barbeiam-se todos a si proprios. Eu especializei-me em fazer a barba aos mortos...

Bom processo...

Espirito alemão:
Dois professores alemães conversam acerca da sua vida.

— Você recebe sempre pontualmente os seus honorarios?

— Nem sempre.

— Eu tenho um meio muito bom para isso. Quando o aluno não traz o dinheiro na data marcada, dou-lhe uma lição para estudar, em voz alta, em casa, nestes termos: «O mês está no fim».

«Eu não tenho dinheiro».

«Tu tens dinheiro?»

«Eu necessito que me tragas dinheiro».

«Porque não trouxeste o meu dinheiro?»

«O teu pai não te deu dinheiro para me trazer?»

«Sim, etc. O pai dá-me a liberdade de estudar estas frases e, na primeira lição, ela traz-me os meus honorarios...»

Le petit chaperou rousa



DESSPORTOS

Memorias dum desafio entre solteiros e casados

Na vespera tinham-me dito: amanhã é o grande encontro. E não era do encontro que eu tinha receio; era dos encontrões. Como tinha uma certa vocação para canhoto, puzeram-me a jogar á ponta esquerda. Fui sempre um doido pelas esquerdas.

Solteiro de nascença, o meu fisico ainda não produzira na pituitaria de qualquer mulher uma pequena sombra de titilação. Por isso accedi a jogar, levando sobre mim o grande rótulo moral: solteiro sem compromisso.

Talvez arranjasse noiva se a minha exhibição agradasse. O Orsi, na sua meninice, tambem não jogava nada e hoje é uma fera. E' desta massa que eles se fazem.

A equipação

Pedi as botas emprestadas ao Mourinha, as meias ao Vitor Silva, as joelheiras ao Jorge Tavares, os calções ao Jorge e os pés... elásticos ao dr. Abrantes Mendes.

A camisola era do grupo, ás riscas amarelas e verdes, comprada num refugio dos Armazens do Chiado. De longe pareciamos a bandeira brasileira.

Depois de ter dado 18 voltas aos atacadores das botas (quanto mais voltas, mais chic é), vesti os calções com o elástico a fazer-me cócegas no umbigo. Pendurei ao pescoço uma mascotte em tamanho natural e fui-me colocar á entrada do rectangulo.

A troca dos grelos

A um de fundo e ao som do hino da Federação, da autoria do Barão, entramos, corremos, perfilámo-nos e saudámos a assistencia.

Os fotografos acorrem, obrigando-nos novamente a alinhar para a posteridade e o *clit-clac* das maquinas anuncia que vamos ter gravuras nos jornais da especialidade.

Os capitães, na posição da Lina Demoel a cantar as rosas... com a molhada de grelos em funeral, abraçam-se e dizem umas parvalhadas, ficando cada um com a hortaliça do outro.

A jogação

O Silvestre Rosmanão apita para começar.

E' agora!

O *half back* centro passa em profundidade. Mergulho na corrida e agarro a bola. Um *back* muito grande assim estilo Faustino, veio para a disputa. A minha bota

direita finge que *shoota*, a esquerda pára a bola. A direita torna a fingir, a esquerda torna a parar. Troco as pernas e esquivo um plinão. O corpo do adversario rola a meus pés. Ouvem-se gritos nas bancadas. Sou o heroi do momento.

Consigno pôr outra vez as pernas direitos e a bola está ali a um metro, a meio metro, a um centimetro cubico.

A perna direita, que é a esquerda de agora, prepara o pontapé. O guarda-rêdes parece um macaco dentro duma jaula. Atira-se-me aos pés. Pinto, ponho as pernas outra vez ao contrario, evito o choque e o Rosmanão apita. O esférico tinha mergulhado no azul.

Bola ao centro. Palmas! Vivas! Urros!

Novo apito. Lanço-me ao ataque. Estou de novo perto das rêdes. O tal *back* matulão avança para mim. Eu avanço para ele. O choque dá-se. Dança em torno de mim a multidão. Perco a noção do tempo e do espaço. Sinto-me despenhar numa descida em saca-ró-lhas.

O apito silva o *half-time* e eu saio em maca, ouvindo ao longe, perdidos no éter, os sons plangentes da marcha funebre de Chopin.

O outro tempo

O endireita do Bemfica esfregou-me as fontes, deu-me sais a cheirar, fez-me a respiração artificial, e lá vamos de novo para o *ground*.

A coisa está má! Ha avançadas, intercepções, trambulhões, interrupções e escocinhações.

O publico exalta-se e quer mais *goals*. Nós carregamos, passamos e *shootamos*, mas a bola é sempre devolvida, mesmo quando lá não está o guarda-rêdes. Estamos danados.

Isto é bruxaria! Nem mais uma bola!

O Rosmanão apita em triplicado para acabar o jogo. Eu não me conformo e vou examinar o *goal*. Fico estupefacto, mudo, incapaz de articular um unico som por cima.

Por fim, berro, protesto, esgrimo os punhos, mas ninguém me ouve. Tinha tudo saído.

O milagre tinha sido este:

No intervalo, a direcção dos casados virara o *goal* ao contrario e tinha posto as rêdes para o lado de dentro do campo.

ZÉ MARIA.

O que é a fome

A cena passa-se numa terra francesa, ai por 1918.

— Artur! Artur! Batem á porta.

— Quem está aí? — perguntou o marido.

— E' um pobre soldado ferido.

Franqueada a porta, o soldado Richard entrou na habitação, uma casa onde estava uma mulher dos seus trinta anos, selos rijos, num *deshabillé* provocante.

— Eu tambem fiz a guerra — disse o marido dela para o soldado. — Sei bem o que sofri.

— O que eu tenho é uma fome extraordinaria. Comia qualquer coisa... Qualquer coisa...

— Que pena! Não temos senão um pedaço de queijo e cidra — diz a mulher.

— Qual quê! Ha tambem — diz a mulher — um grande pedaço de carne de porco, ali sobre o armario.

O marido olhou-a de soslaio, mas ella, sem preocupações, dirigiu-se ao armario, servindo pouco depois a carne ao *poilu* esfomeado, que devorou o primeiro pedaço com uma fome inextinguivel.

Mas... quando o soldado vai pegar no segundo naco de carne, o camponês retira o prato, que vai colocar no armario, dizendo:

— O que não podes, sim, porque nós fomos camaradas visto que eu tambem fiz a guerra, é ficar assim ao frio. Ah, junto da nossa cama, vou estender-te um cobertor para que saques um pouco...

A meio da noite, ouve-se uma grande barulheira. O camponês accede a lanterna, exclamando, furioso:

— Outra vez os malandros... os galunos...

Então a mulher, acendendo uma vela, volta-se para o soldado:

— Ha, um quarto de hora! Tens tempo...

O soldado Richard, o estomago ainda cheio de fraqueza, não compreende bem. E mostra um sinal de protesto:

— Não! Não... Não ousarei... Nunca!

— Mas sim, — diz ella — não sejas tolo... Bem vê que eu peço... Tens tempo... Quando ele está com os seus ataques, demora, pelo menos, um quarto de hora!

Então, o pobre do *poilu* levanta-se e, voltando as costas á mulher, que lhe mostra os seus belos seios, dirige-se ao armario... e come o pedaço de carne que pouco antes o marido dela lhe retirara.

ILBERINO DOS SANTOS

Ilberino publicou o seu primeiro livro de caricaturas pessoais. Folheando-o, passa-se em revista todos os caricaturistas portugueses e encontra-se um em cada pagina.

Amarelhe não gostou das misturas; Teixeira Cabral armou em pose de precursor e Valença encolheu os ombros, num gesto de não-te-rales, mas sempre foi dizendo:

— Eu, que não gosto de usurpações, dispensava de boa vontade a União Iberica...



Modelo de trofeu para um campeonato de tennis. E' claro que o jogador de cima figura aqui apenas para demonstrar a propriedade e a utilidade do modelo...



O foot-ball em Espanha

ECOS DA SEMANA

SÓ AO FIM DUM PENOSO TRABALHO PUDERAM REALIZAR O GRANDE MILAGRE

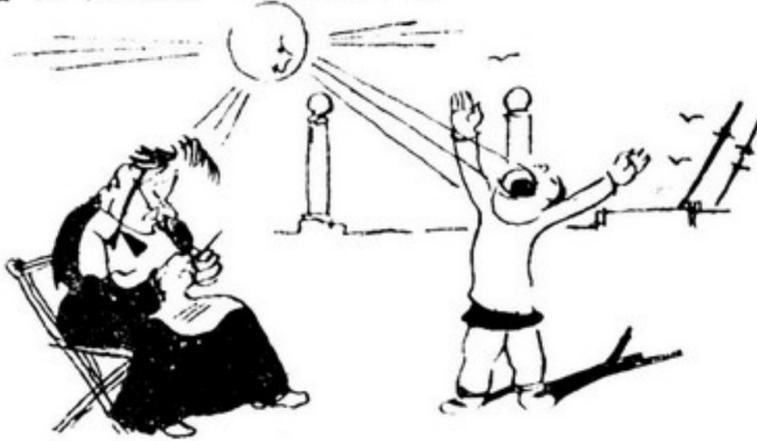


MAMAS! ENQUANTO NÃO HOVER JARDINS PARA A NOCIDADE VÃO PARA O TERREIRO DO PAÇO DAR LHE O SOL A BEBER E UM ALVITRE

O PREMIO NOBEL DA QUIMICA VAI SER CONCEDIDO AO ARQUITECTO RAMINHOS POR TRANSFORMAR A MADEIRA EM CIMENTO ARMADO



O ULTIMO FIGURINO DA VIRGEM SEGUNDO A APARICAO EM MACIEIRA DE ALCOVA SO LHE FALTAVA BATON E "RIMELA"



MOMENTO TRAGICO PASSADO NO PORTO COM A PEQUENA QUE FOI A CRAVEIRA POR DIZEREM QUE ERA HOMEM



ASPECTO DA CONCESSAO INTERNACIONAL NA AVENIDA - FELIZMENTE A LUCTA POR FALTA DE PROJECTEIS NAO CHEGOU A TOMAR PROPORCOES



ORA DICAM LA QUE 1970 NAO E UM VERDADEIRO NEGOCIO DA CHINA... FAZ-SE O DESARMAMENTO... HA TRABALHO E VENDE-SE TUDO.

